
Cidade e memória, identidade e discurso: a Campos moderna pelo olhar da imprensa goitacá¹

Jacqueline da Silva DEOLINDO²

Anelize dos Santos RIBEIRO³

Milena Firmino ZANI⁴

Universidade Federal Fluminense

Resumo: O artigo analisa a construção do discurso construído pelo jornal Monitor Campista, que funcionou em Campos dos Goytacazes entre 1832 e 2009, a respeito do projeto de modernização da cidade, tendo como foco a inauguração, em 1916, de um pacote de obras chamado Melhoramentos. Trabalha-se, neste texto, com a ideia de discurso como ideologia que realiza a ideia de um lugar, de uma identidade e de um projeto de poder. Demonstra que a imprensa local, apesar do apregoado compromisso social, encampa o dizer de uma elite a respeito da vocação da cidade e do exercício do paternalismo com o objetivo.

Palavras-chave: Análise do discurso. Imprensa local. Melhoramentos de Campos.

INTRODUÇÃO

Nos capítulos finais de *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*, Milton Santos (2006) nos fala sobre a força do “lugar”, categoria que representa o contexto material e simbólico produzido pelo homem que nele habita. É no lugar que, na visão do geógrafo, reside uma resistência criativa e criadora, que emerge da vida diária, do cotidiano, da proximidade e das relações de comunicação, cooperação e conflito entre sujeitos, firmas e instituições. É no lugar que a vida social se individualiza e onde a política se realiza entre organizações e espontaneidades, gerando um território verdadeiramente compartilhado, palco de eventos, residência, provedor das carências fundamentais, horizonte da memória e da aventura, espaço de produção ou fundamento das relações que criam laços culturais, identidade e hegemonia.

Ana Fani Alessandri Carlos (2007), seguindo essa linha, aponta que o lugar guarda uma característica importante, relacionada a sua condição local, restrita, comunitária, e

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, espaço e cidadania do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Jornalista, mestre e doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do curso de Jornalismo do Centro Universitário Fluminense (UNIFLU) em Campos dos Goytacazes (RJ). E-mail: jacquelineolindo@gmail.com

³ Graduanda em Ciência Sociais da Universidade Federal Fluminense, em Campos dos Goytacazes. Bolsista de Iniciação Científica Faperj. E-mail: anee.ribeiro@hotmail.com

⁴ Graduanda em Ciência Sociais da Universidade Federal Fluminense, em Campos dos Goytacazes. Bolsista de Iniciação Científica Faperj. E-mail: milenafzani@gmail.com

que “as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental.” (CARLOS, 2007, p. 17). Desse modo, para a autora, o caminho para analisar o lugar local é pensar o cotidiano, categoria que se define pela construção coletiva da primeira camada do vivido.

Em nosso entendimento, tal análise incluiria também o estudo da memória, das instituições (políticas, civis, midiáticas etc) e dos discursos, enquanto elementos da identidade local, a qual é estrategicamente construída todos os dias, de modo a se tornar um dizer sobre o lugar. Neste ponto, se faz importante a definição de Orlandi (2009), para quem “o discurso é efeito de sentido entre locutores” (p. 21). O discurso se forja no cotidiano e pelo cotidiano flui, por exemplo, através dos meios de comunicação locais, que, como agentes enunciativos do contexto social, processam representações do lugar a partir do momento em que classificam, dão nome, explicam, materializam os acontecimentos, os dizeres e os projetos que ali se dão e os tornam recorrentes, gerando um sistema de ideias. Angelo Serpa (2011, p. 16), inclusive, diz que “o discurso fabrica o lugar”, notadamente o discurso midiático, de onde emana o “enredo do lugar”, que vai definir o lugar como “histórico, relacional e identitário”.

Nestes termos, nossa pesquisa objetiva analisar como, ao longo do século XX, a imprensa de Campos dos Goytacazes, através da produção, reprodução e manutenção de um discurso sobre a cidade, colaborou com a construção de um sentido de lugar e de uma identidade local, em larga medida afinada com um projeto de poder. Usamos como eixo os eventos diretamente relacionados à inauguração (1916) e à comemoração do centenário (2016) do conjunto de obras de revitalização batizado de Melhoramentos, sobre o qual discorreremos mais adiante. Nossas articulações são feitas com contribuições da comunicação, da geografia, das ciências sociais, da linguística e da história. Este artigo, especificamente, sintetiza os resultados da primeira parte de nossa pesquisa, qual seja, a análise do discurso das reportagens do dia da inauguração dos Melhoramentos feita pelo Monitor Campista, jornal de maior circulação em Campos em 1916.

IMPRENSA E O LUGAR COMO DISCURSO

Tanto em 1916 quanto em 2016, a imprensa campista noticiou amplamente os eventos em torno dos Melhoramentos, de modo que encontramos arquivos com diversos registros dos preparativos para a inauguração e a celebração do centenário, a programação de ambos os eventos e a cobertura jornalística repercutindo os fatos. Nosso projeto prevê a

análise do discurso da imprensa sobre a Campos moderna nesse intervalo de 100 anos, com foco nos Melhoramentos, no cinquentenário e no centenário, mas, para efeitos deste texto, trabalharemos com a edição de 5 de novembro de 1916 do jornal O Monitor Campista, o maior em circulação à época. Fundado em 1832, o Monitor foi fechado pelos Diários Associados em 2009, ocasião em que era o terceiro jornal mais antigo do país ainda em circulação. Os arquivos a que tivemos acesso estão sob guarda do Arquivo Municipal Waldir Pinto de Carvalho, onde fizemos as consultas em fevereiro de 2019.

Isto posto, é importante apresentar o quadro teórico que orienta nosso estudo empírico: os textos jornalísticos, neste artigo, são abordados considerando-se não apenas seus fundamentos linguísticos ou técnicos, mas, também, as especificidades de suas condições de produção e circulação, compreendendo a imprensa como agente enunciativa do contexto social, da conjuntura e da cultura (MELO, 2003). Tais enunciações são tomadas como dispositivos que colaboram com a construção da memória discursiva (PÊCHOUX, 1990) e da identidade local (PESAVENTO, 2005).

A memória discursiva é definida por Pêchoux como aquilo que permite restabelecer os implícitos, os pré-construídos, as citações e os relatos durante a leitura de um acontecimento, mas deve também ser entendida como um espaço de lutas e embates, porque a retomada de discursos anteriores não se dá sem “o jogo de forças” que permite a problematização e a paráfrase do acontecimento, que realiza os contradiscursos e que “perturba a rede dos ‘implícitos’.” (PÊCHOUX, 1999, p. 53). Essa regularização dos discursos, segundo o autor, conduz à formação de estereótipos ou, em sentido mais estrito, de representações, aqui entendidos como “fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum”. (MOSCOVICI, 2003, p. 49).

A identidade, tida por Pesavento (2005) como uma construção imaginária a respeito do lugar e dos sujeitos, produtora de coesão social, é um exemplo de representação social. A construção de representações trata-se, sem dúvida, de um processo dinâmico no qual a mídia tem papel preponderante. (MOSCOVICI, op. cit., p. 48). Essas representações, em forma de reportagens (muitas vezes com associadas a imagens), podem ser compreendidas em sua materialidade, ou emprestando as palavras de Orlandi (2009, p. 10), enquanto cristalização do sentido. Não está em questão, portanto, o que é dito, mas *como* é dito. O texto, assim, é tomado como pressuposto para investigar “os

dizeres presentes e os dizeres que se alojam na memória” (Id. Ibid.), construídos e determinados ideologicamente.

CONTEXTO, IMPRENSA E DISCURSO NA CAMPOS DE 1916

Cidade localizada no Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes se desenvolveu no seio da capitania de São Thomé, faixa de terra doada pela coroa portuguesa a Pero de Góes em 1536. A colonização do lugar, no entanto, teria sido mal sucedida devido à dificuldade na lida com os índios goitacazes, descritos em diversos documentos como hostis, violentos e agressivos. O lugar ficaria praticamente abandonado até 1619, quando Gil de Góes, filho de Pedro de Góes, investiu novamente na colonização, fundando um povoado, mas, sem mais sucesso, desistiu e devolveu a capitania à Coroa. Portugal, então, em 1627, concedeu essas terras a setes capitães que foram os que, de fato, iniciaram a colonização. Estes, reconhecendo a planície como lugar propício para criação de gado a fim de abastecer as fazendas da província do Rio de Janeiro, desenvolveram os primeiros empreendimentos agropecuários nos chamados Curraes dos Goitacazes, cuja estrutura de composição foi oficialmente reconhecida em 1648. Em 1652 o lugar foi elevado a Freguesia de Campos e, em 1677 a Vila de São Salvador dos Campos. Diversos autores registram o desenvolvimento, ali, ao longo do tempo, de uma comunidade interessada em assumir-se responsáveis pela gestão do lugar. Questionadores das decisões e do modo de agir do donatário, considerado tirano esses moradores proprietários de terras lideraram levantes, fundaram câmaras reivindicaram autonomia jurídica e política. É célebre, por exemplo, a figura de Benta Pereira, matriarca que, em 1748, teria estado à frente de um movimento que reunia sua família e mais 500 pessoas para impedir a posse do herdeiro do donatário da vila. A bandeira da cidade, inclusive, faz menção ao fato: “*Ipsae matronae hic pro jure pugnant*”.⁵ (CÂMARA DE VEREADORES DE CAMPOS, 2015; INSTITUTO HISTORIAR, 2009; PENNA, 2014).

De lugar inóspito, distante da capital da província, administrativa e politicamente dependente das comarcas do Rio de Janeiro ou do Espírito Santo, a Vila começou a ascender enquanto aglomeração urbana a partir de meados do século XVIII com a introdução da cultura da cana-de-açúcar, que se tornou a base da economia local pelo menos até a segunda metade do século XX. (SMIRDELLE, 2010; SOFFIATI, 2019).

⁵ Do latim, “Até as mulheres aqui pelo direito lutam”.

A cidade, por causa de sua proeminência produtiva e de seus variados e estratégicos canais de distribuição para todo tipo de mercadorias, desenvolveu-se economicamente atraindo investimentos que resultaram na implementação de importantes funções urbanas, com grande influência sobre o entorno e sobre outras regiões de dentro e fora da Província. A formação de uma elite intelectual e política estreitamente afinada e articulada com os poderes da capital teria colaborado com a consolidação de uma política territorial que beneficiou toda uma região ao afirmá-la como centro articulador regional com papel administrativo e difusor típico das cidades que se tornaram conhecidas como centros do “mandar” e do “fazer”. (CHRYSÓSTOMO, 2006).

A esse desenvolvimento crescente, no bojo do qual, inclusive, registra-se o surgimento da imprensa local, em 1832, seguiu-se a elevação da Vila de São Salvador dos Campos a cidade de Campos dos Goytacazes, em 1835. No entanto, apesar de tal proeminência, a cidade entrou no século XX carecendo de diversas melhorias no que se referia a urbanização e salubridade, por exemplo. As condições precárias negavam ostensivamente a imagem de Campos dos Goytacazes como referência econômica e industrial de grande porte, e o que era apenas desejo, necessidade e debate, tornou-se, por via das articulações das lideranças industriais e políticas locais com figuras proeminentes do Governo do Estado, um projeto vigoroso para elevar a cidade à altura de seu prestígio.

Em 5 de novembro de 1916, era inaugurado em Campos um amplo pacote de obras de saneamento e urbanização que teriam como objetivo conferir à cidade paisagens e condições de vida à altura do que se reconhecia como sua pujança econômica e influência política (CÂMARA DE VEREADORES DE CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2016). O projeto, batizado “Melhoramentos de Campos”, foi viabilizado com o recolhimento de uma sobretaxa de 2,5% sobre a saca do açúcar. O imposto teria sido proposto aos usineiros pelo então presidente do Estado, Francisco Chaves de Oliveira Botelho, durante a 4ª Conferência Nacional do Açúcar, realizada em abril de 1911 na cidade. No evento estavam o ministro da Agricultura, Pedro de Toledo, senadores e deputados. Os usineiros presentes acataram a ideia de arcarem eles mesmos com despesas do projeto, mediante a alegada falta de condições do governo estadual. A Lei 1.037, que regulava a arrecadação, poupança e aplicação dos recursos, foi sancionada em 11 de novembro de 1911.

Smirdelle (2010) nos ajuda a compreender a assunção desse financiamento pela iniciativa privada quando fala sobre a figura dos usineiros campistas: eram dotados de grande poderio político e econômico e muitos eram figuras de renome nacional. Fazia

parte de seu papel, no entanto, a representação dos interesses locais e, por isso, eram tratados pelos conterrâneos como protetores de sua terra, autoridades nas questões sociais locais, sendo admirados e respeitados por todas as camadas. Essas figuras aparecem com destaque, ao lado dos políticos campistas e autoridades estaduais nas reportagens do Monitor Campista do dia da inauguração dos Melhoramentos.

A primeira página daquela edição traz a manchete “Melhoramentos de Campos”. O subtítulo dá destaque para a presença na cidade das mais altas autoridades políticas do país e do Estado: “Sua inauguração official, com a presença dos Srs. Wencesláo Braz e Nilo Peçanha, respectivamente presidente da República e do Estado do Rio de Janeiro”.

Figura 1 – Primeira página do Monitor Campista de 5 de novembro de 1916



Fonte: Fotografia das autoras. Acervo do Arquivo Público Municipal.

O texto da reportagem que segue, dividido em sete colunas, abre com o anúncio dos festejos e faz uma rememoração dos acordos e parcerias daqueles últimos cinco anos que tornaram possível a revitalização da cidade. O tom é próximo do discurso político, como se estivesse havido ali uma transcrição. Nessa retrospectiva, o jornal:

1) cita e elogia as autoridades políticas da nação que haviam confirmado presença no evento, bem como fala sobre a capacidade administrativa e de associação dos governantes, além de ressaltar atenção dispensada aos projetos dos moradores da cidade. Ao citar o campista Nilo Peçanha, então presidente do Estado do Rio, enfatiza a ligação da cidade com o poder político, e, ao citá-lo como filho da terra, parece sugerir a

recordação da existência de um vínculo familiar, de cumplicidade e compromisso com o lugar. Além disso, coloca a cidade como protagonista dos Melhoramentos, um lugar de iniciativa, e demarca o papel do governo como ajudador/colaborador nesse projeto. Isso podemos ver na sequência discursiva (SD) destacada abaixo:

Filho deste torrão que idolatramos com entusiasmo, **conhece a dificuldade e a barreira de obstáculos que conseguimos transpor**, para que tenhamos necessidade de encarar a **ação decisiva** com que, **ajudados pelo incentivo derivado de sua gestão administrativa** no Rio de Janeiro, **iniciamos os trabalhos de remodelação** [...]. (SD1)

2) enuncia a magnitude da classe empresária, sua capacidade de luta em prol da construção e crescimento da cidade, descrito como visionário, abnegado e afim ao povo, conforme o trecho, que está relacionado à menção da oferta voluntária da sobretaxa:

O procedimento altruístico e sem exemplo dos adiantados usineiros de Campos e dos proprietários do Engenho Central de Quissamã em prol do saneamento e melhoramentos desta cidade **merece ser rememorado** hoje e sempre como um acto da mais **elevada nobreza e amor à terra campista**.

A elles, principalmente, **a esses generosos e abnegados agricultores e industriais**, se **devem esses melhoramentos** que vão ser hoje inaugurados com **a maior satisfação do povo**. (SD2)

3) publica diversos telegramas que engrandecem os agricultores, industriais e empresários locais na pessoa do usineiro altruísta e visionário, como no trecho abaixo, de um telegrama escrito por Oliveira Botelho para os usineiros locais:

A iniciativa adiantada dos agricultores e usineiros de Campos, entre as quais figura vosso nome, propondo uma taxa adicional sobre a exportação do açúcar a benefício do saneamento e melhoramentos da cidade de Campos, como ser um **generoso gesto, acima de todo elogio**, é motivo de **legítimo orgulho, para o Estado do Rio de Janeiro** que se sente engrandecido pela **magnitude de seus opulentos filhos**. (SD3)

4) nomeia os profissionais liberais e especialistas responsáveis pelas obras realizadas, elogia sua qualificação e lista essas obras:

Sob a **chefia do ilustre e competente Sr. Dr. Jorge Lossio**, ao iniciar os seus trabalhos, teve como engenheiro residente o **Sr. Dr. A. A. Meira Júnior**, seguindo-se, mais tarde, **Sr. Dr. Aristides Figueiredo** e igualmente o **Sr. Dr. Heraldo Damasceno**.

Essa comissão executou **os seguintes serviços** [...] (SD4)

5) refere-se a Campos como um lugar que finalmente vai se elevando à altura da sua vocação econômica e política. O comentário, conforme vemos no trecho abaixo, constrói, através de metáforas, uma paisagem de Campos marcada pelo enlevo e pela beleza. A menção ao status econômico reforça a ideia de distinção (BOURDIEU, 2007) da cidade com relação aos outros municípios e sua aproximação aos centros de decisão e de poder:

Assim, com satisfação da população campista serão inaugurados hoje diversos serviços de saneamento, melhoramento e embelezamento da nossa cidade, que vai desse modo **se remodelando**, tornando-se bela **sala de vistas de um dos mais importantes e ricos municípios** do Estado do Rio de Janeiro. (SD5)

Na página seguinte, segue-se a lista de obras realizadas na cidade e informa-se o itinerário das autoridades em sua visita a cada ponto construído ou remodelado. Na sequência, fala-se sobre a Exposição Regional, que reuniu estandes de produtores locais.

Figura 2 – Segunda página do Monitor Campista de 5 de novembro de 1916



Fonte: Fotografia das autoras. Acervo do Arquivo Público Municipal.

A feira, significada como uma versão das grandes Exposições Internacionais, inclusive com premiação, aparece no texto jornalístico como uma mostra das grandes

possibilidades de Campos, enunciado como um lugar fértil, criativo e com um potencial que, se devidamente incentivado, poderia contribuir com o crescimento nacional.

Campos [...] não podia deixar de patentear aos altos poderes dirigentes do paiz o **grão de seu progresso**, apresentando os productos de seu trabalho, **emparelhando-se dest'arte aos centros mais importantes representativos da evolução do engenho humano**.

É por esse meio, submetendo ao julgamento dos competentes, que poderemos ter uma ideia, inda que pallida, do **quanto somos capazes**, uma vez que possamos confiar nos designios dos nossos governantes, cuja preocupação deve ser **estimular a iniciativa individual** de preferência ao garroteamento até aqui exercido com o **agravamento dos tributos que atrophiam nossas indústrias** e estiolam as energias da coletividade brasileira. (SD6)

Na terceira página, as referências aos Melhoramentos aparecem apenas na metade superior. O restante era ocupado por informações sobre a guerra e queixas da população sobre transporte por bondes (que era operado por uma empresa particular), poesias e anúncios publicitários.

Figura 3 – Terceira página do jornal Monitor Campista de 5 de novembro de 1916,



Fonte: Fotografia das autoras. Acervo do Arquivo Público Municipal.

Nessa parte do jornal, destacam-se três textos:

- 1) a homenagem póstuma ao Dr. Francisco Portela, médico, cidadão campista, deputado e governador do Estado do Rio de Janeiro, que teria colaborado de diversas maneiras com o progresso e pioneirismo da cidade, conforme as sequências discursivas abaixo destacadas, que deixam entrever, inclusive, a figura do Dr. Portella jornalista como agente enunciator da cidade:

Espírito de largos descortínios, o seu nome está ligado a quase todos os empreendimentos aqui realizados, entre outros a importante estrada de ferro do Carangola, o telegrapho, o serviço de água e esgoto, a instalação elétrica da cidade – a primeira do mundo iluminada por esse sistema e muitos outros serviços prestados [...] (SD7)

Como redactor chefe desta folha, durante longos anos, o saudoso Dr. Portella concorreu muito com sua penna adamantina, a serviço de sua lúcida intelligencia e critério, para o engrandecimento de nossa terra, cooperando também desta forma para o seu progresso. (SD8)

- 2) a menção elogiosa a políticos ilustres e sua capacidade de articulação em três níveis (municipal, estadual e federal), de forma colaborativa, visando um projeto comum, quer seria o progresso da cidade:

Na última campanha presidencial, o **Dr. João Guimarães foi o braço forte do Dr. Nilo Peçanha** e, como **prestigioso chefe** político desse município, o **mais importante do Estado**, o estimado campista tem procurado também auxiliar o governo em sua administração, proveitosa e digna de aplausos.

Outro **auxiliar do Dr. Nilo no governo, e que também merece destaque, é o Dr. Luiz Sobral**, que, no cargo de prefeito, **tem prestado ao município assignalados serviços e com a mais severa economia dos dinheiros públicos, tendo concorrido para os melhoramentos e embelezamento da cidade.** (SD9)

- 3) a reportagem sobre a corrida de cavalos no Turf Club, entidade que representava a opulência dos lazes da elite local. O evento, que previa a presença de autoridades políticas, era uma forma de homenagear os presidentes do Estado e da República, que batizaram, respectivamente, o prêmio e um páreo extraordinários.

Será disputado o grande prêmio Nilo Peçanha pelos valentes animaes Joffre, Pongée, Brazil, Mysterio, Uruguay, Fidalgo e Palerma. Além deste haverá o **páreo Dr. Wenceslão Braz**, que será disputado pelos animaes Demorado, Clarim, Apollo e Huggnotes. (SD10)

O entendimento de Campos como uma cidade dotada de capital econômico, independente, forte, merecedora e distinta ocorreu ao longo da história local ao mesmo passo em que nela se desenvolvia uma elite e uma intelectualidade que se compreendiam, ao mesmo tempo, produtos e produtoras do lugar (LEMOS, 2019). Tal entendimento tomou a forma de um discurso de poder (ALVES, 2019), enunciado, promovido e perpetuado, entre outros meios, pelos jornais, instrumentos privilegiados dessa ideologia dominante.

Como procuramos demonstrar, o jornal, seja pelo editorial seja por outras correspondências ali reproduzidas, diversas vezes cita a capacidade de desprendimento e luta dessa “classe construída” (BOURDIEU, 2007, p. 101) em prol do coletivo. Em variados textos do Monitor Campista, por ocasião da inauguração dos Melhoramentos, fica visível a narrativa sobre a representatividade destas figuras e o quanto elas são tidas como fundamentais para descrever a cidade e seu povo, como se através delas fosse refletida a identidade local – reforçada em sua diferença com relação a outros centros urbanos pelo mérito de construir e melhorar, com os próprios esforços, o lugar em que se habita.

É sabido, no entanto, que a necessidade das obras estava para além da estética. A cidade, de fato, desde o século XIX, se destacava no cenário nacional por sua economia e pioneirismo em diversas frentes, mas sofria com grave desestruturação, altos índices de insalubridade, doenças e ausência de uma intervenção urbana efetiva. Faria (2005), em seu trabalho sobre o papel dos médicos e dos engenheiros na revitalização do centro de Campos dos Goytacazes nos primeiros anos do século XX, aponta, inclusive, que os Melhoramentos seriam parte de um contexto crítico maior, silenciado no discurso do jornal Monitor Campista por ocasião das inaugurações, como vimos. Esse contexto, no entanto, como também observou a autora (FARIA, 2005), já havia sido tema de reportagens anteriores, inclusive no mesmo periódico, além de registrado em atas da Câmara de Vereadores, documentos, pareceres e relatórios técnicos.

A reformulação do espaço urbano foi uma das estratégias adotadas pelo Poder Público para a realização de seu projeto de modernização. Campos, assim como as principais cidades brasileiras passaram, então, por intervenções radicais nos tecidos urbanos, acompanhadas de discursos capazes de divulgar e introduzir, em todas as dimensões da vida social, o conjunto de valores e códigos sociais que deveriam orientar os indivíduos em direção a um cotidiano “civilizado”. Assim, a cidade, com sua nova organização físico-espacial, com seus símbolos do progresso (ruas calçadas, meios de transportes modernos, construções sofisticadas) emitiria uma imagem de civilização, aumentando a credibilidade de investidores externos. (FARIA, 2005, p. 7).

Desse modo, observamos que foram eclipsadas nas reportagens sobre os festejos, ainda que latentes no cotidiano da cidade 1) as práticas sanitaristas, ponto de interseção do poder do Estado e do poder de mercado, e 2) o projeto de uma paisagem que representasse a riqueza local e fizesse com que Campos se assemelhasse a o centros

urbanos que lhe serviam de referência, como Londres e Paris – referendado seu capital político, econômico e social, a cidade seguiria na disputa do protagonismo fluminense com Niterói, por exemplo, com quem já havia disputado a sede da província do Rio de Janeiro em 1835. (ALVES, 2019).

É interessante notar, então, que diante desses dois panoramas, o da Campos moderna e o da Campos insalubre e estrategista, prevaleceu nos discursos jornalísticos analisados, o discurso ufanista e a ausência de debate sobre as realidades fundamentais da cidade à época, principalmente no que dizia respeito aos mais pobres, à periferia da área urbanizada e a uma população negra considerável que, recém-saída do regime de escravidão, habitava as franjas da cidade em situações precárias. O jornal, dissociado do ideal de serviço público, mas afinado com o poder, silencia essa realidade, encampa o discurso político e festeja.

Foi assim com o texto escrito das reportagens e também com as fotografias que ilustram as páginas sobre os Melhoramentos naquela edição de 5 de novembro de 1916. O Monitor Campista evidencia, em sua composição imagética, o silenciamento das partes periféricas de Campos dos Goytacazes e seus moradores. Em sua primeira página, o jornal destaca senhores da elite branca campista e responsáveis pelo pacote de obras. Nas duas páginas subsequentes, o periódico dá espaço às imagens das obras já finalizadas. As fotografias destacam a grandeza e as qualidades dos locais, bem como trazem a ideia de idoneidade dos dirigentes das obras. Nota-se também que são salientadas fotos de diferentes praças públicas, o que dá ênfase à criação ou reforma de locais que são pontos sócio-políticos e economicamente estratégicos. O uso destas imagens – e as reformas – de locais comuns e acessíveis a “todos”, porque espaços públicos, pode provocar (intencionalmente ou não) a sensação de pertencimento e/ou deferência.

[...] o eu busca o nós da vida comum em grupo, porque, mesmo depois de amadurecido, ele ainda depende de formas de reconhecimento social que possuam o denso caráter da motivação direta e da confirmação. Ele não pode manter nem o autorespeito nem a autoestima, sem a experiência de apoio que se faz através da prática de valores compartilhados no grupo. (HONNETH, 2013, p. 22).

No entanto, a publicação não dá lugar de destaque à classe operária, que deu forma aos planos e elaborações da elite, e revela como a região não central da cidade de Campos é ignorada no que diz respeito aos investimentos para melhorias estruturais e abre espaço para indagações sobre a parte da população que foi silenciada pelos desejos da classe

dominante. Trata-se de um aspecto inerente à mediação jornalística enquanto produto subjetivo e carregado de intencionalidades orientadas por seu projeto editorial, como aponta Souza (1997, p. 5) quando lembra que “uma outra forma de se silenciar a imagem é aquela que pode ser pensada através de um trabalho de interpretação, operado na mídia, quando esta se interpõe entre o espectador e a imagem num processo de produção de significação bastante direcionado.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da representatividade da sociedade campista, como um lugar de independência, em que seus próprios cidadãos são responsáveis por seus avanços, possui fragmentos de uma Memória social de acontecimentos desde o período do império, e que trás em seu discurso lembranças marcantes da campos do inicio do século xx, onde a cidade viveu seu auge de reconhecimento político e econômico nacional.

Ao longo deste artigo, vimos como as modernizações ocorridas em 1916 estão atreladas a uma elite, apontada como as principais responsáveis por aqueles feitos. Os usineiros eram vistos como os que “tomavam conta do lugar”, ou seja, figuravam uma relação de poder disfarçada de cooperação. “Cuidavam” da cidade e geravam renda e emprego, em troca, a população era grata a seus feitos, de maneira que todos os melhoramentos realizados são creditados a esses industrialistas, como ressalta o Monitor Campista de 5 de novembro de 1916, ocorrendo, assim, um total apagamento total de qualquer cidadão participante das obras, pelo menos naquela edição histórica. Em sua abordagem do setor sucroalcooleiro local, Smiderlle (2010) lança um olhar crítico sobre essa realidade e aponta que a sociedade campista é atravessada, desde seu início, por um viés paternalista, tendo sido acomodada a ter representantes que comandem a cidade e tomem as decisões necessárias em nome da população. Seria uma realidade construída há séculos, mas atual e sintetizadora das práticas sociais e políticas locais, conforme sustenta a autora.

Como demonstraremos nas próximas etapas de nossa pesquisa, o discurso engrandecedor da cidade e de suas figuras ilustres, de fato, perpassa gerações. Tem como principais enunciadores as elites, que detêm o poder de decisão sobre os rumos da política, da economia e de diversas práticas sociais, e também imprensa, tanto a privada e quanto a oficial governamental. Desse modo, enquanto instrumento ideológico, a imprensa local aqui se confirma como enunciativa de um discurso de poder. Do mesmo modo, produz

espacialidade e identidade ao veicular conteúdos sobre o lugar da enunciação, diferenciando-o de outros e relacionando-o com o mundo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Heloísa de Cássia. **De villa a cidade: saneamento e ampliação da malha urbana**. Palestra proferida durante o curso De capitania a cidade: o processo de formação dos Campos dos Goytacazes (1535-1835). Arquivo Público Waldir Pinto de Carvalho, Campos dos Goytacazes, 2019.

CÂMARA DE VEREADORES DE CAMPOS DOS GOYTACAZES. **Benta Pereira**. [2015, online]. Disponível em <http://www.camaracampos.rj.gov.br/14-memorial/634-benta-pereira>. Acesso em

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em http://www.gesp.ffiich.usp.br/sites/gesp.ffiich.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf. Acesso em: 17 abr. 2019.

CHRYSÓSTOMO, Maria Isabel de Jesus. **Ideias em ordenamento, cidades em formação: produção da rede urbana na província do Rio de Janeiro**. 2006. 507 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.ippur.ufrj.br/download/pub/MariaIsabelDeJesusChrysostomo.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2016.

FARIA, Teresa Peixoto. O papel dos médicos e engenheiros na modernização da área central da cidade de Campos dos Goytacazes, no início do século In: Simpósio Nacional de História, 23. **Anais**. Londrina, 2005. Disponível em <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.0990.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2019.

HONNETH, A. O eu no nós: reconhecimento como força motriz de grupos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 15, n. 33, ago. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/soc/v15n33/v15n33a03.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2019.

INSTITUTO HISTORIAR. **Benta Pereira**. [2009, on-line]. Disponível em <http://institutohistoriar.blogspot.com.br/2009/04/benta-pereira.html>. Acesso em: 17 abr. 2019.

LE MOS, Carlos Eugênio Soares de. **Disputas políticas no início do século XIX**. 2019. Palestra proferida durante o curso De capitania a cidade: o processo de formação dos Campos dos Goytacazes (1535-1835). Arquivo Público Waldir Pinto de Carvalho, Campos dos Goytacazes, 2019.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003 ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHOUX, Michel. **O discurso** – Estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

PENNA, Patricia Ladeira. **Benta Pereira: mulher, rebelião e família em Campos dos Goytacazes, 1748**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói, 2011. Disponível em <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1849.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2019.

PESAVENTO, Sandra J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SERPA, Angelo. **Mídia e lugar**. São Paulo: Contexto, 2011.

SMIRDELE, Dilcéa de Araújo Vieira. **O multiforme desafio do setor sucroalcooleiro de Campos do Goytacazes**. Campos: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2010.

SOFFIATI, Arthur Aristides. **As transformações causadas pela ocupação: identidade, meio e patrimônio**. Palestra proferida durante o curso De capitania a cidade: o processo de formação dos Campos dos Goytacazes (1535-1835). Arquivo Público Waldir Pinto de Carvalho, Campos dos Goytacazes, 2019.

SOUZA, Tania C.Clemente de. **Discurso e imagem: perspectivas de análise do não-verbal**. Ciberlegenda, Niterói, RJ: v.1, p.15-32, 1998. Disponível em <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/240>. Acesso em 17 abr. 2019.